

## O PAPEL DA CRIATIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

José Arielson Quirino do Nascimento

[arielsonq008@gmail.com](mailto:arielsonq008@gmail.com)

Graduação em pedagogia pela FASEC - Faculdade do sertão central

Paulo de Tasso de Souza

[paulotsouza784@gmail.com](mailto:paulotsouza784@gmail.com)

Graduação em pedagogia pela FTEC - Faculdade tecnológica de capacitação

Especialização/pós graduação em alfabetização, letramento e psicopedagogia institucional pela LÍBANO

## RESUMO

A criatividade tem papel relevante no ensino e na aprendizagem, pois permite construir práticas pedagógicas mais dinâmicas, participativas e significativas. Estimular a criatividade dos estudantes no ambiente educacional ajuda a desenvolver a autonomia, a capacidade de expressão, a resolução de problemas e a construção de conhecimentos. Este artigo busca analisar a relevância da criatividade no ensino e na aprendizagem, ressaltando sua contribuição para as práticas pedagógicas e para o desenvolvimento dos alunos. Esta investigação empreende uma perspectiva qualitativa, de caráter bibliográfico, arraigada em análises que abordam a educação, a assimilação do saber e o desenvolvimento da criatividade no contexto escolar. O debate reflete sobre a função do professor como agente de transmissão do conhecimento e a urgência de metodologias de ensino que valorizem a participação dinâmica dos discentes. Percebe-se que a criatividade não se restringe às manifestações artísticas, mas compreende-se como uma habilidade que pode se manifestar nas diversas áreas do conhecimento e em múltiplos contextos de aprendizagem. Assim, estratégias didáticas que estimulem a criatividade podem enriquecer o processo formativo, impulsionar o envolvimento dos estudantes e ampliar seus horizontes de compreensão.

**Palavras-chave:** Criatividade; Ensino; Aprendizagem; Práticas pedagógicas; Desenvolvimento educacional.

## ABSTRACT

Creativity plays a relevant role in teaching and learning, as it enables the development of more dynamic, participatory, and meaningful pedagogical practices. Encouraging students' creativity in the educational environment contributes to the development of autonomy, self-expression, problem-solving skills, and knowledge construction. This article aims to analyze the relevance of creativity in teaching and learning, highlighting its contribution to pedagogical practices and students' development. This investigation adopts a qualitative and bibliographic approach, based on analyses addressing education, knowledge acquisition, and the development of creativity in the school context. The discussion reflects on the teacher's role as an agent of knowledge transmission and the need for teaching methodologies that value students' active participation. It is observed that creativity is not restricted to artistic expressions but is understood as a skill that can manifest itself in different areas of knowledge and in multiple learning contexts. Thus, teaching strategies that stimulate creativity can enrich the educational process, increase student engagement, and broaden their horizons of understanding.

**Keywords:** Creativity; Teaching; Learning; Pedagogical practices; Educational development.

## INTRODUÇÃO

A educação exerce um papel basilar na formação das pessoas, contribuindo não apenas para a aquisição de conhecimentos, mas também para o desenvolvimento de habilidades que possibilitam uma participação ativa na sociedade. Nesse sentido, o ato de ensinar e aprender deve considerar diferentes formas de assimilar, compreender e apresentar conhecimentos. Entre os aspectos que podem contribuir para esse processo, destaca-se a criatividade, entendida como uma capacidade que permite ao indivíduo elaborar ideias, buscar soluções, estabelecer relações e encontrar diferentes alternativas diante de determinadas situações.

Por muito tempo, a criatividade foi principalmente associada às atividades artísticas, como o desenho, a pintura, a música e o artesanato. Contudo, no ambiente educacional, essa capacidade pode se manifestar em diferentes áreas do conhecimento e em diversos contextos enfrentados pelos alunos. Resolver uma questão de cálculo de maneira diferente, interpretar um determinado texto, formular perguntas, criar uma história ou encontrar novas soluções para um problema são exemplos de manifestações criativas que podem ocorrer no cotidiano escolar.

Valorizar a criatividade no ambiente escolar está associado à superação de abordagens pedagógicas focadas somente na transmissão e memorização de conteúdos. Embora a apropriação do conhecimento sistematizado seja fundamental para a formação dos alunos, é essencial que a educação também incentive questionamentos, descobertas, experimentações e participação. Assim, o aluno deixa de ser uma figura passiva e passa a participar ativamente da construção do seu conhecimento.

Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental na criação de condições que promovam a criatividade. A forma como as atividades são organizadas, a escolha das estratégias de ensino, a apresentação dos temas e a abertura para que os estudantes expressem suas ideias impactam diretamente a experiência de aprendizagem. Um ambiente em que o aluno possa questionar, sugerir soluções e demonstrar diferentes maneiras de compreender um assunto favorece não apenas a criatividade, mas também a autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico.

A ótica de Vygotsky enriquece esta discussão por enxergar o desenvolvimento e o aprendizado como entrelaçados às relações sociais e culturais. Ele ressalta que "a aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual

as crianças se inserem na vida intelectual daqueles que as rodeiam" (VYGOTSKY, 2007, p. 100). Compreendemos, então, que o contexto escolar e as trocas que ocorrem entre docentes e estudantes são capazes de gerar circunstâncias valiosas para o florescer de diversas habilidades, inclusive as ligadas à inventividade e à fantasia.

De um modo parecido, a ótica de Paulo Freire permite pensar numa formação embasada na conversa, no envolvimento e na edificação do saber. Defendendo um agir formativo que olha para o aluno como agente do trilhar educativo, Freire ajuda a conceber maneiras de ensinar que vão além da mera passagem de dados. Sendo assim, o autor reitera que “ensinar não é passar conhecimento, mas fazer caminhos para ele ser criado ou ser edificado” (FREIRE, 1996, p. 24). Assim, criar oportunidades para que os educandos questionem, expressem suas ideias e relacionem os conteúdos escolares ao seu cotidiano contribui para uma aprendizagem mais significativa e valorizada.

A criatividade, apesar de sua relevância reconhecida, encara ainda obstáculos para ser verdadeiramente valorizada no dia a dia escolar. O ensino tradicional domina, a cobrança para seguir currículos rígidos, os recursos escassos e a falta de tempo para preparar atividades diversificadas, todos esses elementos podem ser barreiras à adoção de métodos que incentivem a inventividade dos alunos. Ainda mais, é crucial entender que um ensino que estimule a criatividade não se limita a usar tecnologia de ponta ou materiais luxuosos, podendo florescer com abordagens descomplicadas que promovam o envolvimento e o pensar crítico. Em vista disso, torna-se importante analisar como a criatividade pode enriquecer o aprendizado e ensino, e qual a função das abordagens didáticas neste florescimento. A pergunta que guia esta investigação é: qual a função da criatividade no processo de ensino e aprendizado e de que forma os métodos pedagógicos podem favorecer sua evolução na escola?

Partindo dessa dificuldade geral, o artigo em questão, seu propósito principal é examinar o lugar da criatividade no aprendizado e ensino. Ele foca em como a criatividade ajuda os alunos a crescer e como ela cria aulas mais interessantes para todos. Mais especificamente, levamos em conta a conexão entre ser criativo e aprender bem. Outro ponto é falar sobre o professor e como ele guia as aulas criativas. Por fim, pretende-se analisar como usar a criatividade em local escolar.

A importância deste estudo vem da ideia de pensar em como ensinar de formas que reconheçam que cada aluno é diferente. Queremos que todos possam participar e

aprender de vários jeitos. Se compreendermos que criatividade é algo que a escola pode incentivar todo dia, então os professores podem usar mais métodos diferentes. Isso vai dar aos alunos chance de ser mais independentes, se expressar melhor, pensar mais e resolver desafios.

Logo, debater a criatividade na educação é também pensar em nosso jeito de ensinar e nas coisas que precisam acontecer para os alunos participarem de verdade. A escola tem o potencial de ser um lugar onde ideias surgem, mas também onde se explora, pergunta e inventa. Por isso, dar valor à criatividade pode resultar numa escola mais viva, com todos incluídos e que se importa de verdade com o crescimento completo do aluno.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A criatividade é vista como a habilidade humana ligada a criar ideias novas, a imaginar, inventar cenários e procurar jeitos alternativos de resolver questões e desafios. No campo da educação, isso se mostra vital por poder proporcionar vivências de aprendizado onde os alunos se tornam parte ativa na formação do saber. Assim, eles vão além de apenas decorar dados, conseguindo também fazer perguntas, pensar criticamente, testar e construir novas hipóteses. É por isso que a criatividade, longe de ser só sobre arte, é uma faculdade que pode brilhar em todas as disciplinas e situações do dia a dia na escola.

A escola é um lugar-chave para desenvolver a mente e as habilidades sociais dos alunos, pois permite contato com variados saberes, vivências e pessoas. Compreendendo isso, o aprendizado não acontece sozinho, mas conecta-se com as interações entre o indivíduo e seu ambiente social e cultural. Para Vygotsky (2007), o desenvolvimento humano tem forte ligação com as relações sociais, e interagir com outros é essencial para criar funções mentais mais complexas. Ele afirma que "o aprendizado humano assume uma natureza social particular e um caminho pelo qual as crianças adentram a vida intelectual daqueles ao redor" (VYGOTSKY, 2007, p. 100). Considerando isso, o ambiente escolar se mostra vital na geração de vivências que ajudam a crescer a criatividade, principalmente ao promover intercâmbio, compartilhamento de ideias e envolvimento dos alunos.

A criatividade, nesta perspectiva, pode ser estimulada através de vivências que possibilitem ao aluno articular saberes prévios a novos cenários. Ao professor lançar um

dilema, propor uma exploração, fomentar uma discussão ou acenar para abordagens variadas na solução de uma tarefa, se geram aberturas para que o discente empregue suas aquisições e trace caminhos de reflexão inéditos. O aprendizado passa, destarte, a abranger não somente a incorporação de matérias, mas igualmente a aptidão de as aplicar perante contextos distintos.

A visão de Vygotsky também nos ajuda a entender a relevância da mediação na educação. Ele era um mediador entre o estudante e o saber acumulado, criando um caminho para o progresso do aluno. Sendo assim, a criatividade não deve ser vista como algo somente seu ou natural, dado que as vivências sociais e culturais podem incentivá-la. Ter contato com variados saberes, jeitos de falar, indivíduos e cenários expande a imaginação.

No colégio, por isso, o professor tem um papel enorme na criatividade. Como ele mostra os assuntos, as tarefas que ele sugere e o espaço dado para os alunos soltarem suas ideias podem impulsionar ou frear a participação criativa. Um jeito de ensinar que foca só em repetir e em ter respostas prontas pode diminuir a chance de tentar novas possibilidades. Por outro lado, tarefas que estimulam perguntas, suposições, buscas, conversas e outras maneiras de se expressar podem fazer os alunos participarem mais.

Essa discussão beira as ideias de Paulo Freire, mais precisamente quando esse autor questiona aquelas formas de ensinar que são apenas de passar informação. Para Freire, o jeito de educar tem que ver o aluno como alguém que aprende sozinho e tem que dar valor ao que ele pensa, pergunta e participa. O autor afirmava que “o ato de ensinar não é dar conhecimento, mas criar os jeitos de ele ser feito ou de ser montado” (FREIRE, 1996, p. 24). Essa ideia liga muito com ser criativo, porque, quando se criam jeitos de se produzir conhecimento, o professor deixa o aluno entrar mesmo no aprender.

Com esse jeito de ver, o professor não é só quem sabe tudo e conta, mas também alguém que aprende enquanto ensina. A conversa na sala de aula pode fazer com que o que os alunos já sabiam e já viveram entre na hora de fazer as atividades. Ouvindo o que os alunos perguntam, o que eles acham e as outras formas de eles entenderem um conteúdo, o professor pode inventar jeitos de aprender que têm mais a ver com a turma. Nesse caminho, a criatividade pode vir da possibilidade de pensar, questionar e fazer conexões novas.

Dar valor ao diálogo também ajuda a construir um espaço no qual o aluno se sinta mais confiante para expressar o que pensa. O receio de falhar pode vir a ser um impedimento para a inventividade, especialmente se a falha for vista somente como derrota. Numa metodologia de ensino que enxerga a falha como fase do aprendizado, o discente tem mais vontade de arriscar e mostrar outras opções. Isto não quer dizer aceitar qualquer resposta como boa, mas sim entender o percurso do aluno e usar as falhas como chances para pensar e aprender.

Desse jeito, a inventividade pode enriquecer a aprendizagem, já que deixa o estudante ligar o que aprendeu na escola com suas vivências. Uma tarefa que deixe vários jeitos de resolver, por exemplo, pode fazer o aluno confrontar jeitos, defender suas decisões e pensar no que deu. Do mesmo modo, criar contos, jogar, discutir, atuar, fazer projetos e pesquisar pode animar vários jeitos de mostrar e participar.

Práticas pedagógicas criativas podem transitar por um espectro vasto de domínios do saber. Por exemplo, em Língua Portuguesa, os alunos se aventuram na criação de narrativas, versos, tirinhas ou até mesmo desdobramentos de um texto já existente. Já em Matemática, o estímulo se volta para a busca de incontáveis trilhas na solução de desafios. Já em Ciências, atividades de experimentação e investigações despertam o interesse científico, impulsionando a elaboração de conjecturas. Em áreas ligadas às Ciências Humanas, um bom debate, uma pesquisa aprofundada, a confecção de mapas, um projeto bem elaborado ou atividades que espelhem o dia a dia abrem um leque de interpretações do mundo. Por isso, a criatividade não se confina a um campo de disciplina; ela pulsa em toda a engrenagem do fazer educativo.

Os jogos despontam como ferramentas de peso no fomento de abordagens pedagógicas inovadoras. Uma vez cuidadosamente desenhados em alinhamento com as metas de aprendizado, eles trazem à tona cenários onde os estudantes precisam tomar as rédeas de decisões, traçar táticas, desatar nós de problemas e, claro, engajar-se com os pares. O toque lúdico pode turbinar o aprendizado e torná-lo mais cativante. Contudo, é fundamental ressaltar que a utilização de jogos, por si só, não garante automaticamente um aprendizado com significado real. Exige, sim, uma arquitetura pedagógica sólida, e a atividade precisa ecoar os propósitos delineados pelo mestre.

Do mesmo jeito, as ferramentas tecnológicas ampliam as chances de criar na escola. Criar vídeos, apresentações, narrativas digitais, mapas, investigações e outros

tipos de material ajuda os alunos a usar várias formas de falar sobre o que eles estudaram. Mesmo assim, só ter a tecnologia não é o bastante para fazer o ensino ser criativo. O mais importante é como essas ferramentas são empregadas e o quanto os alunos participam.

Um outro ponto é sobre o lugar onde a escola fica. Para que a criatividade cresça, os alunos precisam ter chance de tentar novas possibilidades, perguntar e mostrar o que pensam. Um lugar muito certinho, onde só uma resposta funciona para uma tarefa, pode atrapalhar a independência e a criatividade deles. Ao contrário, um lugar que gosta de conversar, de perguntar e de ter todo mundo junto pode trazer experiências muito boas.

Nessa perspectiva, o educador se confronta com a necessidade de harmonizar a apresentação de temas programáticos com a geração de oportunidades para um engajamento genuíno dos discentes. Não obstante, fomentar a inventividade não se traduz em descuidar do acervo de saberes estruturados nem em metamorfosear cada momento de ensino em pura diversão. Ao invés disso, implica dilatar os horizontes das abordagens pedagógicas e arquitetar cenários nos quais o aprendiz possa empregar o que aprendeu para desvendar, debater e remodelar diversas circunstâncias.

Ademais, a inventividade se vincula intrinsecamente ao florescimento da independência discente. Mediante o encorajamento para que o aluno opine, fundamente suas ideias e pesquise múltiplos caminhos, ele começa a abraçar um grau mais elevado de incumbência em relação à sua própria jornada de aprendizado. Esse ponto de vista ressoa com a noção de educação preconizada por Freire (1996), para quem o ato de transmitir saber requer a reverência pela autodeterminação e pela habilidade dos indivíduos de erigirem suas compreensões. Deste modo, uma abordagem didática que exalta a inventividade tem potencial para lapidar discentes mais atuantes e aptos a definirem suas posturas perante os desafios vivenciados em seu dia a dia.

É crucial notar, ademais, que a criatividade não é um domínio exclusivo de certos alunos. Todos conseguem criar e expressar ideias de variadas formas, ainda que estas se manifestem de jeitos diferentes. Por isso, o educador precisa levar em conta a variedade em sala de aula e propor diversas chances de envolvimento. Certos estudantes podem achar mais fácil escrever textos, enquanto outros se sobressaem em desenhos, conversas, soluções de problemas ou criação de métodos. Reconhecer essas variadas formas de expressão válida que há muitas trilhas para aprender e mostrar o que se sabe.



Assim sendo, as ideias de Vygotsky e Paulo Freire ajudam a entender a educação como um processo onde o aluno contribui ativamente para a formação do saber e o professor age como um guia. Enquanto Vygotsky aponta a relevância das conexões sociais e culturais no desenvolvimento, Freire salienta a importância do diálogo, da liberdade e da participação dos envolvidos no ato de educar. Estas visões dão bases sólidas para pensar a criatividade como um aspecto inerente à educação e ao aprendizado.

Em suma, a criatividade se revela um componente apto a alavancar práticas de ensino que sejam mais envolventes, ancoradas à realidade e verdadeiramente relevantes. Para florescer em ambiente escolar, tal criatividade requer condições onde estudantes se sintam encorajados a indagar, fantasiar, testar, inovar e edificar saberes. Neste intrincado percurso, o docente desempenha função insubstituível, visto que suas decisões quanto à metodologia e sua atitude perante os aprendizes podem catalisar o desenvolvimento de um espaço propício à troca e à inventividade. Portanto, dar peso à criatividade no âmbito educativo equivale a enxergar o discente como agente central em sua jornada de aprendizado, além de apreender que a docência transcende a mera transferência de informações, abarcando também a criação de aberturas para que novos conhecimentos se concretizem.

## **METODOLOGIA**

Este estudo se caracteriza como pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica. Sua meta é analisar a função da criatividade no ensinar e aprender. A opção pela abordagem qualitativa está diretamente conectada à necessidade de desvendar os significados e as contribuições da criatividade dentro do espaço educacional, considerando as interações entre alunos, docentes e metodologias de ensino. Para Minayo (2001), a investigação qualitativa permite entender as nuances da realidade, compreendendo valores, atitudes e dinâmicas sociais. Ela é especialmente útil para estudos que buscam interpretar acontecimentos na sociedade e na área da educação.

No que tange aos procedimentos, a investigação se deu via pesquisa em fontes escritas. Materiais que abordassem criatividade, educação, ensino e aprendizado foram a base. Livros, artigos acadêmicos e outros trabalhos intelectuais foram consultados, contribuindo para a discussão do tema. A pesquisa bibliográfica permite ao investigador

familiarizar-se e examinar diversos trabalhos já feitos sobre um assunto específico, abrindo caminho para relacionar as ideias dos autores com a questão sob investigação.

Na elaboração da base teórica, com foco especial, levamos em conta as obras de Lev Vygotsky e Paulo Freire, pensadores cujas abordagens são cruciais para desvendar a dinâmica da educação. As concepções de Vygotsky, em particular, forneceram um quadro para ponderar sobre o aprendizado, a teia de relações sociais e a mediação no desenvolvimento discente, ao passo que as reflexões de Freire foram essenciais para debater diálogos, envolvimento, independência e a construção do saber.

O garimpo bibliográfico incluiu obras atinentes às facetas centrais do assunto, principalmente aquelas que dissertam sobre a inventividade como componente intrínseco à aprendizagem, o papel docente na efervescência criativa e a aplicação de métodos didáticos que estimulem o protagonismo dos alunos. Com os materiais em mãos, uma leitura aprofundada e um escrutínio dos temas considerados relevantes para as metas do projeto se procederam, visando decifrar contribuições que dessem luz à conexão entre criatividade e o ato de educar.

A análise das obras selecionadas procedeu de maneira interpretativa, traçando conexões entre as ideias dos autores e a temática investigada. Deste modo, visou-se captar como a criatividade se fomenta no ambiente escolar, e também como as práticas pedagógicas que enaltecem participação, autonomia, diálogo e experimentação ajudam no processo de ensino e aprendizado. Por ser pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários ou observações diretas com professores e alunos não foram efetuadas. Dessa forma, as discussões aqui trazidas baseiam-se nas produções acadêmicas consultadas e na interpretação das contribuições teóricas que se relacionam ao tema. Com este caminho metodológico, o objetivo é erguer uma reflexão sobre o papel da criatividade na escola e as maneiras de integrá-la às práticas pedagógicas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa das publicações usadas neste estudo mostra que a criatividade tem um papel importante no ensinar e aprender, principalmente quando ligada a métodos de ensino que incentivem a participação dos alunos. Ser criativo faz com que os estudantes criem formas de pensar diferentes, expressem suas ideias, criem teorias e achem jeitos

para os problemas na escola. Então, incentivar isso pode levar a um aprendizado mais vivo e que realmente importa.

As ideias de Vygotsky (2007) ajudam a entender que aprender vem das trocas com outros indivíduos e da cultura em que se vive. Assim, a escola é um lugar para interagir e construir o que sabemos, onde a ligação entre quem ensina e quem aprende pode ajudar a desenvolver várias habilidades. A criatividade, logo, pode ser incentivada com vivências que deixem os alunos trocarem ideias, perguntarem e juntarem o que já sabem com novos conhecimentos.

Uma outra perspectiva observada diz respeito à influência do professor. Por certo, a atuação do professor é crucial para gerar momentos que despertem interesse e motivem o engajamento dos alunos. Conforme ensina Freire (1996), o ato de ensinar não vai além de simplesmente repassar dados, envolve a criação de cenários que permitam a edificação do saber. Consequentemente, métodos que dão ênfase à conversa, à intervenção e à liberdade podem impulsionar o florescimento da inventividade no ambiente escolar.

Dentre as táticas com potencial de auxiliar essa jornada encontram-se os jogos didáticos, os projetos, os fóruns de discussão, as empreitadas de pesquisa, a elaboração de narrativas, as encenações e o uso de ferramentas digitais. Ainda assim, um método de ensino que inove não precisa ser obrigatoriamente rico em recursos elaborados. Experiências modestas, como conversas em conjunto, desvendamento de enigmas e cenários pertinentes à vida dos estudantes, também conseguem incentivar o raciocínio e a originalidade.

Uma análise igualmente revela a conexão entre criatividade e a autonomia discente. Com mais chances para decidirem, oferecerem alternativas e testarem novos saberes, os estudantes podem construir maior segurança e envolver-se mais em seu aprendizado. Nesta situação, é vital que a falha seja vista como algo natural no ensino, deixando o aluno pensar nas decisões tomadas e buscar outros modos de resolver desafios. Ainda com todos os benefícios, desafios enfrentam a introdução de atividades criativas nas escolas, como escassez de tempo para o planejamento pedagógico, a prevalência de métodos antigos e poucos recursos. Por isso, o incentivo à criatividade vai da ideia do professor à existência de ambientes escolares que apoiem abordagens de ensino variadas.

Assim, as análises dos resultados sugerem que a criatividade pode efetivamente tornar o ensino e a aprendizagem mais envolventes. Isso promove a autossuficiência, o

raciocínio crítico e o avanço geral dos alunos. Valorizar isso requer abordagens onde os alunos não só absorvem informações, mas também questionam, exploram, inovam e assumem um papel ativo na formação de seu próprio saber.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A concreção deste estudo propiciou entender a presença da inventividade na jornada de ensinar e aprender, demonstrando que seu florescimento pode enriquecer métodos educativos, mais engajadores e profícuos. A inventividade não deve ser vislumbrada meramente como um dom de moldar artes, mas sim como uma aptidão que transita por todas as esferas do saber e em variadas circunstâncias de aprendizado.

Via investigação literária, transpareceu que o educador detém função primordial em engendrar um ambiente propício para a proliferação da inventividade. Por intermédio de técnicas plurais, da troca e do reconhecimento da colaboração discente, o mestre pode permitir que seus alunos externem seus pensamentos, criem especulações, sonhem alternativas várias e alcancem maior independência em seu caminhar formativo.

As ideias de Vygotsky e Paulo Freire foram cruciais para a compreensão da aprendizagem ligada às interações sociais, mediação, diálogo e à participação dos envolvidos. Então, impulsionar a criatividade envolve mesmo aceitar o aluno como alguém que ativamente constrói o saber, respeitando os seus conhecimentos prévios, suas vivências e suas formas de se expressar.

Tais evidências demonstram que a criatividade pode mesmo ajudar no desenvolvimento da autonomia, da reflexão, da participação e da habilidade de resolver problemas nos alunos. Mesmo que seja um desafio colocar isso nas escolas, por causa de limitação de recursos financeiros, pouco tempo e métodos antigos predominando, é possível desenvolver atividades criativas usando estratégias acessíveis e que sirvam para cada grupo de alunos.

Assim, dar valor à criatividade na escola abre um leque de oportunidades para ensinar e também aprender, tornando todo o processo educacional mais cheio de vida e com mais sentido. A instituição de ensino, abrindo caminho para a conversa, o teste de novas possibilidades e a livre expressão de outras perspectivas, consegue ajudar na construção de alunos com mais iniciativa, que participam ativamente e estão prontos para encarar as mais diversas vivências em seu percurso.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.